

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO, 1 DE OUTUBRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO		N.º 13
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 "		Semestre.....	1200 "	
	Anno.....	1400 "		Anno.....	2400 "	
			ESCRITORIO—RUA DA RAINHA N.º 95			

EXPEIENTE

A redacção e administração d'este periodico está estabelecida a contar do primeiro do corrente mez na rua da Rainha n.º 95. Para alli deve ser dirigida toda a correspondencia endereçada a J. R. da Cruz.

Não tendo chegado a tempo de poder ser publicadas n'este numero as gravuras que fizemos vir do estrangeiro, rogamos aos nossos assignantes desculpa pela falta involuntaria de que nos desobrigaremos opportunamente.

A Administração.

INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 30 DE SETEMBRO

18 de setembro.—A's 4 horas da madrugada. Rua da Restauração n.º 88 A. Propriedade de Maria André Pinto que a occupa. O fogo teve principio na cosinha e foi extinto pela gente da casa e pela vizinhança. Os prejuizos são calculados em 200\$000 réis e o predio tem seguro na Segurança. A primeira bomba que compareceu foi a municipal n.º 9, seguindo-se-lhe a dos voluntarios.

26 de setembro.—A's 6 horas e meia da tarde. Rua do Pastelleiro. Principio de incendio n'uma bouça, propriedade da viuva Cunha. Ignora-se o que deu causa ao sinistro que causou insignificantes prejuizos. As torres não deram signal comparcendo porém o material da circumscripção e o dos voluntarios.

27 de setembro.—A' meia hora depois da meia noite. Rua da Reboleira n.º 41 e 42. Estabelecimento de *Ship-Chanllers* de Martins & Thompson.

Soccorremo-nos, com a devida venia, do nosso collega *O Commercio do Porto*, para a narração d'este pavoroso incendio, transcrevendo a minuciosa noticia que publica no seu n.º 233, de 28 do passado.

«Não são conhecidas as causas do incendio. O guarda civil n.º 184, de giro na rua da Reboleira, observou que do predio n.º 41 e 42 sahia bastante fumo. Dada a voz de alarme, acudiram diversas pessoas dos predios visinhos principalmente, e em quanto umas tractavam de arrombar a porta, outras apitavam e chamavam por soccorro.

Arrombada a porta, deparou-se em cima de uma vèla de navio com um rapaz, marçano do estabelecimento, já meio asphyxiado pelo fumo, sendo immediatamente salvo. Era a unica pessoa que existia n'aquella casa, hoje um montão de ruínas, por isso que a familia

que a habitava estava na Foz, onde se acha a banhos, segundo fomos informados.

Momentos depois de abertas as portas do lado da rua da Reboleira e da de Cima do Muro, as chammas irromperam com grande violencia, consumindo em menos de duas horas todo o predio, que era de dous andares para a primeira d'aquellas ruas e de tres para a segunda.

O espectáculo era medonhamente bello. O clarão tingia de vermelho as aguas do Douro e punha uns tons rubros nas casas de Villa Nova de Gaya, illuminando todos os pontos culminantes da villa.

Houve muitas occasiões em que os bombeiros e as casas da rua da Reboleira, fronteiras ao predio incendiado, correram imminente risco com as successivas derrocadas. Temia-se a cada instante vêr desmoronar-se para o lado da rua a frontaria do predio, e isto aterrava todos quantos alli foram presenciar o sinistro.

Felizmente a derrocada da frontaria deu-se com retumbante estrepito, mas sem prejuizo de ninguem, porque a parede cahiu para o interior, onde já existiam os escombros de outras derrocadas.

Mas a este tempo já o incendio lavrava intensamente no predio contiguo de n.º 39 e 40 habitado nos baixos pelo sr. Manoel dos Santos Victorino, estabelecido com igual ramo de negocio e nos pavimentos superiores pelo facultativo o sr. Francisco Ferreira da Cunha, conseguindo-se salvar parte da mobilia d'este senhor, mas com estragos grandes, como acontece sempre em occasiões de precipitação extrema. O sr. Ferreira da Cunha tinha alguma da mobilia segura, mas os seus prejuizos, incalculaveis por ora, devem ter sido consideraveis. Quanto ao estabelecimento do sr. Victorino, que tinha seguro na Companhia Confiança por 6:000\$000 réis, ficou totalmente destruido, como aconteceu ao resto da casa.

Dous fogos eram já os que n'esta occasião havia a atalhar porque o predio de n.º 43 contiguo tambem áquelle onde começara o fogo, ardia igualmente, sem que os denodados esforços do pessoal empregado na extincção conseguissem cousa alguma. N'esta casa existia um armazem de vinhos do sr. Julião Martins, conseguindo-se salvar aqui apenas alguns quartos de pipa com vinho que estavam na adegá subterranea. Para o lado de Cima do Muro existia a loja de condeceiro do sr. Antonio de Almeida Segura, que salvou alguns poucos artigos do seu ramo de commercio e bem assim uma escrevaninha que continha alguns papeis de importancia e diversos valores.

No primeiro andar existia o escriptorio do sr. barão de Massarellos, que tudo perdeu, incluindo alguns importantes papeis, a sua escripturação commercial, mobilia, etc., perdendo igualmente tudo o seu guarda-livros o sr. José Maria Vieira, que habitava os pavimentos superiores.

No predio n.º 37 foram muitissimo consideraveis os prejuizos soffridos pelo alfaiate estabelecido nos baixos o sr. Antonio José da Rocha e pela firma commercial Dias & Lima com escriptorio no 3.º andar.

Finalmente os prejuizos totaes são avaliados em mais de 50:000\$000 réis.

Das mobílias salvas, parte quebrou-se pela precipitação com que era salva; as roupas, livros e outros objectos eram atirados das janellas dos predios onde lavrava o incendio para as das casas fronteiras. Era horroroso.

Um dos predios destruidos pertencia ao sr. Alão Pacheco, ignorando-se por enquanto se o tinha seguro: outro pertencia ao sr. Pedro Coelho da Silva, que o tinha seguro na Companhia Bonança; o outro predio parece que não estava seguro.

Como fica dito, a faina dos bombeiros não podia ser mais diligente, nem os esforços mais dedicados. Uma série de circumstancias, porém, concorreu para o desenvolvimento do fogo; o vento léste, bastante forte, que se levantára, a estreiteza dos locaes, a espessa e suffocante fumaceira que se estendia pelos lugares proximos, e finalmente, a grande porção de materias inflammaveis e explosivas com que o fogo se alimentava.

E' desolador o quadro que agora offerecem á vista aquellas paredes que mal se susteem de pé e os enormes escombros que allí se amontoam e de onde á hora em que escrevemos esta noticia, 9 da noute, sahe ainda muito fumo, prova evidente de que o fogo lavra entre as ruinas, motivo porque ainda está sendo combatido pela bomba n.º 1 que trabalha na lingueta do caes do Terreiro e pela de n.º 4 postada na rua da Reboleira. Estes trabalhos do rescaldo suppõe-se que se prolongarão até hoje.

A principio acudiu ao local do sinistro apenas o pessoal e material correspondentes ao districto, a companhia de incendios de Gaya e os bombeiros voluntarios. Reconheceu-se um pouco mais tarde que este pessoal era insufficiente e as machinas impotentes para a lucta com incendio tão respeitavel. Por isso as torres tocaram repetidas vezes a rebate, avançando então o restante pessoal e material. Era justamente quando as chammas tinham irrompido com mais violencia.

Desde esse momento o fogo foi combatido pelo lado do rio por uma bomba de Villa Nova de Gaya e pela de n.º 4 da cidade; e pela rua da Reboleira pelas bombas de n.ºs 3 e 4 e duas dos voluntarios, pois que estes mandaram aviso á Foz para avançar a outra machina que lá téem estacionada. Além d'isso trabalhou-se com todas as ferramentas do carro n.º 2 e bem assim com as dos voluntarios e outras.

Hontem, ás 7 horas da tarde foi para o local do sinistro um grupo de trabalhadores da camara municipal, o qual desde logo procedeu aos trabalhos de desaterro dos escombros, a fim de que a agua se podesse bem infiltrar, apagando algum resto de lume que porventura houvesse.

Pelas 8 horas da manhã retirou a Companhia de Incendios de Gaya e os bombeiros voluntarios á 1 e meia da tarde. Uma parte dos bombeiros municipaes e conductores deixou o serviço ás 5 horas da tarde, voltando ás 9 e 12 da noute, a fim de render a outra parte que ficou trabalhando.

As manobras foram commandadas pelo inspector o sr. Eduardo Augusto Falcão, tendo comparecido no

local o sr. commissario de policia e commandante da guarda municipal.

Ha muito tempo já que n'esta cidade se não dá incendio de tão grandes proporções e que mais pavor infundisse nos animos pelas circumstancias acima apontadas. Foi sem duvida o maior depois do occorrido nos armazens de vinho do commerciante o sr. Niepoort, na calçada das Freiras, em Villa Nova de Gaya.»

Até á data em que escrevemos (29) ainda não retiraram completamente os soccorros: tem ali permanecido um piquete de bombeiros com o respectivo material occupado em refrescar o rescaldo d'onde a cada instante irrompem chammas. Vae proceder-se ao apeamento das paredes em imminente risco de de desabar. Os bombeiros voluntarios tambem ali fizeram serviço no dia 28 desde as quatro horas da tarde até á meia noute, alimentando-se a sua bomba com agua do rio e trabalhando com duas agulhetas.

30 de setembro. — Ás 10 horas e meia da noite. Rua nova da Batalha n.º 68. Propriedade de Antonio Duarte Guimarães. Principio de incendio de prompto extinto pelos visinhos. Não houve prejuizos. As torres não chamaram os soccorros.

OS BOMBEIROS E O SR. CORRÊA DE BARROS

N'uma das ultimas sessões camararias o sr. presidente Barros, *reformador* da companhia dos bombeiros do municipio, disse que aproveitava a occasião do incendio da Reboleira para elogiar os bombeiros do municipio pela sua dedicacão, coragem e disciplina, deixando esquecidos os importantes e notorios serviços que sempre tem prestado e especialmente prestaram no referido incendio as corporações de bombeiros de Villa Nova de Gaya e dos voluntarios.

Uma grande parte da imprensa tem censurado o proceder pouco generoso e pouco justo do sr. Corrêa. Especialmente o nosso collega a *Folha Nova* de quem se não pôde pôr em duvida a imparcialidade e independencia, tem sido verdadeiramente impiedosa.

Segundo lemos n'uma folha, a camara mandou elogiar, (agradecer, devia dizer) *todas* as companhias de bombeiros que trabalharam no incendio.

Aos bicos da penna está mesmo a assomar aquelle conhecido *trop tard*.

Os bombeiros de Paris

(DA CARTEIRA D'UM TOURISTE)

O pessoal é bom e bem exercitado. O material é pessimo e a organisação peor ainda: os quartéis, egualmente, posto que limpos, nada teem de notavel e ficam muito áquem dos inglezes. Se aquelles aqui nos ganham em agilidade etc., nós, com o que sabemos em manobras não perderíamos muito ao pé d'elles, porque o esplendor do vestuario dos nossos bombeiros e egualmente do material faria esquecer qualquer irregularidade de serviço. Sobre tudo o que aqui ha é muito rigor e muita disciplina. Os exercicios são muito fatigantes porque o

bombeiro começa por fazer a gymnastica de braços e pernas depois segue por turmas a montar e desmontar a bomba, montar as escadas, descer a um subterraneo cheio de fumo, depois trapesios, barra, argolas, etc., etc., todos os dias. Cá vi fazer o exercicio da escada á *crochets* de uma janella de peitoril para uma varanda e na verdade é bem feito mas é preciso força é muita pratica.

Depois de todo este exercicio em que são brutalmente tratados pelos chefes, tem de correr durante dez minutos em volta da parada do quartel. Terminado o exercicio tem um succulento almoço de sopa e carne. Ainda não tive a *chance* de ver um fogo, para vêr o trabalho. Com franqueza não fiquei fazendo muito bom juizo d'isto que vi. Esperava muito mais mórmente de quem pôde como a França. Veremos na Allemanha.

Correspondencias

Lisboa, 29 de setembro de 1881

(Do nosso correspondente)

Em primeiro lugar permittam-me os meus benevolos leitores muitos dos quaes envergam a impolluta farda de bombeiro do Porto que os felicite pelo arrojo, coragem e dedicação com que se houveram no pavoroso incendio da rua da Reboleira a que essa cidade acaba de assistir. Conhecendo, como conheço o local, bem imagino de que trabalho e de que dedicação deram prova os bombeiros portuenses, que, diga-se de passagem e sem cumprimentos, não precisavam d'esse horroroso conflicto para mostrar o muito que são e o muito que valem. Aos bombeiros portuenses pois um aperto de mão e um cordeal abraço aos meus camaradas voluntarios

— Veio ultimamente publicado no *Diario do Governo* o extracto d'uma portaria do ministerio da fazenda louvando os empregados da alfandega, superiores e inferiores, que concorreram para o bom resultado da extincção do fogo a bordo da galera *Thalia*. Parecia-nos porém justo que o ministerio do reino louve tambem os bombeiros municipaes e voluntarios, que alli estiveram trabalhando continuamente, até completa extincção. Os voluntarios além do seu prestimoso trabalho, tem de pagar ás guarnições das suas machinas.

— Foi ensaiada, na ponte do arsenal de marinha, a bomba a vapor, que de Londres veio para a cordoaria nacional. Trabalha com duas mangueiras.

— No dia 21 do corrente, pelas 10 horas e meia da manhã, appareceu fogo em um pavimento superior dos armazens da alfandega do Jardim do Tabaco, onde havia courama e uma porção de sumahuma. Foi em alguns volumes d'este vegetal que o incendio se declarou, com certeza, por combustão, pois que não é permittido fumar n'aquelle lugar. Chegaram ainda a arder dezenove saccas. Os empregados dos armazens conseguiram extinguir o incendio, comparecendo logo tambem o pessoal e material do districto e o sr. inspector. Entre outros empregados superiores da alfandega, compareceu egualmente alli e deu promptas providencias o sr. Joaquim Germano Jorge, chefe da secção de armazens. Por ordem do fiscal da companhia braçal ficaram alli de noite de prevenção, quatro homens.

Na occasião em que saía a bomba n.º 15 da esta-

ção do largo da Graça, descendo pela rua Nova de S. Vicente, adquiriu tal velocidade que atropellou os dois conductores n.ºs 176 e 177, José Domingos e José Antunes, que a guiavam.

O primeiro ficou com uma perna partida e o segundo com o braço esquerdo fracturado, sendo ambos conduzidos ao hospital de S. José, onde ficaram em tratamento na enfermaria de Santo Amaro.

Ambos, porém, já tiveram alta do hospital, o que estimamos.

— A bomba a vapor, que ha pouco veio para a cordoaria, fica no arsenal, passando a d'este estabelecimento para a cordoaria.

— A associação dos bombeiros voluntarios da Junqueira, faz no dia 1 de outubro, no theatro Chalet, um beneficio em favor do cofre da sua associação. Representar-se-ha pela primeira vez a peça *As ilhas de fogo* e tomarão parte n'este espectáculo a estudantina Camões e o primeiro grupo dos occarinistas portuguezes. O actor Estevão Moniz recitará uma poesia dedicada áquella corporação. Durante os intervallos, presta-se a tocar varias peças de musica a sociedade philharmonica *Recreio Artístico*.

— Os operarios das officinas da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, organisaram uma sociedade de bombeiros voluntarios.

— A Real Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda teve ultimamente exercicio em um dos predios da calçada da Ajuda. Esta associação vae de dia para dia augmentando a sua importancia para o que, sem duvida, muito concorrem os dedicados serviços dos srs. Manoel Nunes Ernesto, José Paes de Vasconcellos Abranches e João Baptista Ribeiro.

Segundo me informam, em Janeiro, realizar-se-ha a festa da inauguração, sendo offerecido por esse motivo ao presidente da sociedade o sr. infante D. Affonso um baile, sendo tambem convidadas suas magestades.

— Foi remetida para todos os commissariados de policia, guarda municipal e companhias de seguros, uma ordem de serviço, do sr. inspector geral dos incendios, em que recommenda que depois de comparecerem os soccorros regulares não é permittido a pessoa alguma intervir nos trabalhos de extincção e remoção de mobílias, arrambar ou abrir portas, entrar nas casas visinhas ou praticar qualquer outro acto que possa ter relação com o incendio sem consentimento dos bombeiros que ali se acharem, e em frente do predio em que haja o sinistro e do lado opposto da rua será a formatura dos bombeiros municipaes, os quaes não deverão consentir na sua rectaguarda senão os sotas das machinas que esperam ordens. A' direita dos mesmos bombeiros têm logar os contingentes regulares do exercito e da armada, e á direita d'estes as forças dos navios estrangeiros que comparecerem. A' direita do predio em que houver trabalho tomarão logar os bombeiros voluntarios de Lisboa, e estes não permittirão que na sua rectaguarda possam permanecer senão os seus consocios que se apresentarem sem uniforme; á esquerda dos bombeiros municipaes tomará logar o piquete dos carpinteiros do arsenal de marinha e em seguida a estes os bombeiros de Belem, Olivaeas e do outras procedencias occupando a extrema esquerda o pessoal e material das ambulancias, e todos os agentes fiscaes ou representantes de companhias de seguros formarão á esquerda do predio em que se manifestar o incendio e a distancia conveniente, não só para deixar completamente desembaraçada toda a

frente d'este, mas ainda dos predios que se lhe seguirem para a esquerda. O bombeiro que infringir o que está determinado pelas ordens de serviço, afastando-se da fôrma, sem lhe pertencer, e avançar para o trabalho ou praticando outro qualquer acto dos que são prohibidos, será castigado na pena de 30 dias de suspensão, e a mesma pena terá todo aquelle que consentir ou admittir no serviço qualquer pessoa alheia a elle.

Determinou tambem o sr. inspector que os bombeiros auxiliassem os agentes da auctoridade para que esta ordem seja rigorosamente cumprida, isto a fim de cohibir certos abusos que se tem dado nos ultimos incendios, onde tem apparecido certos individuos com varios distinctivos, até sem pertencerem ás respectivas corporações, e penetrando dentro das casas nas occasiões em que se estabelece a confusão, e no começo do incendio, desencaminhando-se por isso valores, a que a corporação é completamente estranha.

Seria de conveniencia que as companhias de seguros, em vista de tal e tão acertada ordem, que em parte as pôde prejudicar, pois os seus agentes terão que esperar licença dos bombeiros quando terminarem os trabalhos para entrarem nas habitações, organisassem de mutuo accordo e conjunctamente um pessoal devidamente uniformisado e de sua inteira confiança. A este pessoal devia ser dado o encargo de pôr em resguardo as mobílias d'essas habitações, ficando desde logo responsavel pelos objectos salvos, e exercendo portanto uma vigilancia muito mais efficaz e importante que a que pôde ter a policia, seja de que natureza fór.

G.

PONTA DELGADA, 5 DE SETEMBRO DE 1881

(Do nosso correspondente)

Na madrugada de 25 de agosto ultimo, pelas 3 horas da tarde deram as torres signal de incendio, o qual se manifestára na casa pertencente ao proposto do thesoureiro pagador d'esta comarca, o sr. Emilio Jardim Galvão, situada na 2.ª rua do Conde.

Achava-se o predio seguro desde novembro ultimo na companhia Fidelidade em 5:000\$000 reis.

A circumstancia de se achar auzente o proprietario em S. Vicente, e o seguro ser tão recente, tem dado occasião a que se propalem boatos menos favoraveis a este respeito.

Os soccorros accudiram promptamente, saindo as bombas e carro dos bombeiros municipaes, ainda antes de começar a tocar levados pelos bombeiros que se achavam na estação; pouco depois chegou a bomba dos voluntarios e mais tarde a bomba pequena e o carro d'estes.

E' de reconhecida utilidade a bomba universal; a extrema facilidade que ha em conduzi-la a qualquer ponto do edificio, dá-lhe vantagens sobre todas as outras bombas que possuem as nossas companhias de bombeiros.

A parte confiada ao cuidado dos voluntarios salvou-se quasi completamente; é excellente a bomba ultimamente adquirida por esta corporação; a imprensa tem elogiado muitissimo esta associação e o publico que a principio a olhára com indifferença, hoje exalta e admira a boa ordem com que é feito o serviço,

que sem da vida alguma leva a palma aos municipaes, que trabalham sem disciplina e n'uma gritaria continuada.

—Acha-se concluido o novo quartel para a associação de bombeiros voluntarios; no dia em que esta associação o fór occupar haverá uma festa. Consta que dois cavalheiros d'esta cidade estão compondo um hymno que hade ser offerecido, n'aquelle dia, aos bombeiros voluntarios.

—Esta mesma associação está admittindo mais socios, para uma nova secção a quem será confiada a bomba pequena.

Idem, 17.

Effectuou-se no dia 14 do corrente a transferencia da associação de bombeiros voluntarios para o seu novo quartel. Esta associação, hoje tão querida dos michaelenses, nada deixou a desejar com a sua festa e foi pena que o tempo, por causa da muita chuva, não permittisse que o cortejo, que conduzia o material, desfilasse em melhor ordem.

A banda rival das Musas, tocando o hymno da Carta, occupára o primeiro lugar, seguindo-se-lhe a bomba grande ornada com um tropheu das armas portuguezas e italianas, a bomba pequena e o carro, tambem vistosamente enfeitado.

Os srs. presidente, vice-presidente, chefe e sub-chefe e inspector dos incendios, seguidos dos bombeiros municipaes, em alas, fechavam o cortejo.

Uma parte da companhia dos voluntarios, de um e outro lado da rua formára duas alas, levando nas mãos archotes accessos.

O quartel achava-se lindamente decorado; no pavimento baixo, aonde foi alojado o material, tocou a banda até ás onze horas da noite.

O salão foi occupado pela direcção, convivas e socios presentes, dando-se começo á sessão solemne.

Abriu a sessão o sr. presidente, elogiando a corporação pela maneira porque sempre tem diligenciado elevar-se e prosperar, pedindo aos socios que communmente se unissem para continuar a engrandecel-a. Tomou depois a palavra o chefe da companhia o sr. dr. Athayde e agradeceu a todas as pessoas que tem coadjuvado a associação, fazendo depois um esplendido discurso sobre a utilidade de associações de tal ordem; pedindo a todos os socios que tivessem por estimulo a caridade, por laço a amizade, por força a união e por commum inimigo o fogo, afim de que continuassem a merecer a estima e consideração dos seus concidadãos.

Os srs. Filomeno Bicudo e Arão Cohen, recitaram poesias; as que recitou o sr. Cohen são originaes delle.

Varias noticias

A commissão de beneficencia, que visitou os districtos desolados pelo incendio das florestas do Michigan, relata que foram já sepultadas 200 victimas e que os cadaveres continuam a apparecer em grande numero.

Mais de 1500 familias se encontram na miseria e muitas d'ellas succumbirão por certo á fome se os soccorros não acudirem promptos.

Deve amanhã abrir-se na Guarda um bazar de prendas em beneficio dos bombeiros voluntarios d'aquella localidade.

Parece que vai instituir-se em Coimbra uma corporação de bombeiros voluntarios. A ideia é iniciada pela delegação n'aquella cidade da Sociedade de Geographia Commercial do Porto.

Foi agraciado com a medalha d'ouro da Real Associação Humanitaria o benemerito cabo Simão dos bombeiros municipaes de Gaya. Como é sabido, Simão, é banheiro na praia do Torrão na margem esquerda do rio. Cinco dos seus freguezes proporcionaram-lhe recursos para se inscrever como irmão da ordem terceira de S. Francisco, garantindo-lhe assim a velhice livre da miseria.

A Associação dos Bombeiros Voluntarios de Vianna do Castello, que já tem os seus estatutos approvados, e que conta muito brevemente estar habilitada a exercer a sua acção humanitaria, por esperar breve o resto do material e aprestes, projecta realizar no dia 2 do proximo outubro, no Jardim Publico, um bazar de prendas, em beneficio do respectivo cofre.

E' crescido já o numero d'estas, muitas das quaes são lindissimas e de bastante valor.

Os socios activos devem apresentar-se n'aquelle dia devidamente uniformisados a expensas suas.

A camara municipal d'esta cidade projecta realizar um emprestimo de 4.900:300\$000 reis destinados a melhoramentos da cidade.

Com relação ao serviço dos incendios serão estabelecidas duas estações, onde pelo menos de noute estacionem piquetes de bombeiros para acudir com a maxima promptidão aos sinistros.

E' tudo quanto melhora.

Em virtude da ida para a India do sr. Randolpho Rosmiro Correia Mendes, primeiro commandante da Companhia de Bombeiros Voluntarios de Vianna do Castello, foi eleito para o substituir no cargo o sr. engenheiro João José Pereira Dias.

Foi muito applaudida em Lisboa a peça musical de Cyriaco de Cardoso, *O Incendio*, que aqui foi no Palacio de Crystal em honra da Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto.

Chegou á estação do caminho de ferro d'Elvas o material e bomba de incendios, que a municipalidade d'aquella cidade ultimamente encomendou.

Sob o commando do sr. Antonio Augusto da Silva Carneiro, tiveram no dia 29 do passado á noite, exercicio no campo da Misericordia, os bombeiros voluntarios de Guimarães.

Incendios no estrangeiro

Foi destruido por um incendio o Park-Theatre, em Camden Town, (Inglaterra). A catastrophe seguiu-se a uma representação da *Somnambula* quando já todo o publico se tinha retirado.

O fogo manifestou-se, felizmente, depois de terem sahido os espectadores, e portanto não houve a lamentar nenhuma desgraça pessoal; do theatro porém restam apenas quatro paredes arruinadas e denegridas; algumas casas de Park-Street, contiguas ao theatro, ficaram muito damnificadas.

Os prejuizos são calculados pelo minimo em 750 mil francos; porém Park-Theatre estava seguro em somma superior aos damnos soffridos.

Ultimamente em Constantinopla rebentou um incendio nas cavalleriças do sultão, sendo mortos quatro homens pelos cavallos. Queimaram-se muitas carruagens, sendo os prejuizos calculados em 200:000 libras.

A cidade de Wraza, na Bulgaria, foi completamente redusida a cinzas. Mais de mil familias ficaram sem habitação.

Ardeu no dia 28 o grande basar de Moscow. As perdas são calculadas em dous milhões e meio de rublos. Estava tudo seguro.

Incendios na Provincia

No dia 15 do passado houve na povoação de Agueira, distante dous kilometros de Vizeu incendio em uma casa de quinta que ficou bastante damnificada, apesar promptidão dos soccorros.

No districto d'Evora amiudam-se os incendios ateados por mão criminosa. E assim que foi posto fogo por oito vezes n'uma semana nas propriedades de D. José Gil Borja Macedo e Meneses, de Portel. O sr. Martinho José da Silva Guimarães e José Paulo de Moura também tiveram incendio nas suas propriedades calculando-se os prejuizos d'este ultimo em cerca de 4:000\$000 reis e graves prejuizos houve também nas herdades. Pouca Lã, do sr. José Maria Ramalho Diniz Perdigão e Sobral do sr. Antonio Manuel da Silva Guimarães.

Em Elvas na noite de 17 do mez passado, ardeu uma almenara de palha, no invernadouro da herdade das Terras d'Aldeia, pertencente ao sr. Domingos Antonio Gomes.

Não é tambem o crime estranho ao successo.

Em Vil de Moinhos, Vizeu, houve no dia 22 do passado um incendio que felizmente não fez grandes prejuizos.

No dia 23 do passado perto da meia noite, manifestou-se incendio no edificio do hospital civil de Valença. Felizmente foi debellado de prompto, não causando prejuizos de maior. O susto, porém, nos pobres doentes não devia ser pequeno.

Em Cabaço, a pequena distancia de Pombal, houve um incendio que destruiu completamente a casa em que se declarou, não se sabendo o que deu causa ao sinistro.

Na noite de 27 do passado, um terrivel incendio reduziu a cinzas a casa da sr.^a D. Sebastianna Rebelo, em S. Christovão, proximo do Pinhão. Houve grandes prejuizos em toneis de vinho, mobilia, roupas, ouro, pratas e dinheiro; tudo desapareceu. Uma casa contigua esteve tambem para ser destruida por este violento incendio, se não fosse a intrepidez e coragem dos srs. Camillo de Macedo Junior, Alberto Allen e Carlos Cunha, que, com risco de vida, foram os primeiros a avançar sobre as chammas para fazerem destruir o terrivel elemento.

O sr. Camillo de Macedo Junior, com immenso risco avançou a um lugar onde as chammas eram medonhas e onde ninguém quiz entrar. A estes tres benemeritos e denodados cavalheiros se deve o terem-se salvado valiosos objectos de prata e ouro, roupas e toneis de vinho.

A bomba da quinta de Noval, pertencente ao sr. visconde de Villar Allen, foi conduzida ao lugar do incendio por aquelles tres corajosos cavalheiros, onde prestou valiosos serviços. O incendio teve principio em um tonel de aguardente.

Na noite de 25 do passado, um pavoroso incendio destruiu na Guarda um dos melhores e mais modernos edificios d'aquella cidade, causando igualmente grandes prejuizos nos dois predios contiguos.

O predio pertencente ao sr. Lopes Faia tinha 10 janellas para a rua principal da cidade e fazia esquina para uma travessa. Era occupado pela empreza Dauderni, do caminho de ferro da Beira que tinha os seus armazens nas lojas, os escriptorios no 1.^o andar e no 2.^o andar as habitações do pessoal. No predio contiguo, na travessa, morava o proprietario.

Eram 9 horas da noite quando se deu o signal de

alarma. Os soccorros foram promptos porém a intensidade do fogo e algum vento que soprava evidenciavam a perda total da propriedade e indicavam aos bombeiros que o que havia a fazer era isolar as casas contiguas. Esta espinhosa faina foi dirigida pelo sr. tenente Norberto de Campos, que no cimo da parede divisoria animava pelo exemplo todos os que ali estavam para trabalhar. O sr. Norberto ficou levemente ferido na cabeça, na face e n'uma perna. Todo o pessoal mostrou os melhores desejos e não podia fazer mais tendo uma organização tão recente.

Todos os empregados da companhia do caminho de ferro e o sr. engenheiro Mousinho, da fiscalisação, prestaram grandes serviços, quer salvando a contabilidade e mobilia, quer transportando agua para alimentação das bombas. Como todas as classes se abraçavam ali prestando os serviços mais penosos! E as mulheres?! Era bello vel-as. Pobres, debeis, franzinas, correndo com os classicos cantaros á cabeça, não menos de umas cem offereciam espontaneamente o seu trabalho desinteressadissimo, com uma coragem, uma abnegação, uma dedicação sem limites! Não havia quem pudesse ficar de braços cruzados ao vel-as passar... Todos offereceram os seus poços, as suas cisternas, os seus depositos de agua. Entretanto o incendio lavrava pasmosamente. Uma enorme derrocada annunciava que do edificio, que ainda ha dias viramos em festa, á chegada da locomotiva á Guarda, só restavam quatro grandes paredes. O predio contiguo na travessa ainda soffreu muito não só pelo fogo como pela agua. Os prejuizos são consideraveis, e muito mais por nada estar no seguro. Da mobilia pouca se salvou, e esta mesma ficou deteriorada, por ser precipitada pelas janellas. No local do sinistro compareceram as auctoridades do districto, tornando-se notavel o sr. dr. Luiz Pinto Tavares, digno secretario geral, pela actividade que desenvolveu fazendo concorrer todo o regimento 12, que trabalhou denodada e corajosamente. Eram duas horas da noite quando se considerou o fogo extinto, ficando apenas uma bomba para o rescaldo e um piquete de bombeiros e de tropa. Era tempo. Todos estavam extenuados; na maior parte pouco habituados a trabalhos d'esta ordem, o serviço que prestaram foi duplamente notavel. Os poderes publicos que inquiram e premeiem esses actos de benemerita coragem.

Dizem de Celorico que ha dias houve um pavoroso incendio na aldeia dos Chãs, ficando reduzida a cinzas a casa do sr. Caetano Ferreira.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações que nos foram offerecidas:

Moda illustrada. N.^o 67. O sumario é o seguinte:
Gravuras: Vestuario para senhora nova (frente e costas). — Dois cantos bordados para cabeção. — Sacco para pé de arroz. — Dois entremeios bordados. — Chinella bordada. — Entremeio de rede bordada — Onze modelos de casacos, capas e visites para outomno e inverno. — Quarta parte de um panno de mesa em

tamanho reduzido e desenho do bordado para o mesmo.—Quarta parte de uma toalha para almoço em tamanho reduzido e desenho em tamanho natural para a mesma toalha.—Capa para creancinha, com corpo e romeira. Duas guarnições de bordado inglez.—Oito modelos de chapéus.—Vestuario preto.—Vestido para menina (frente e costas).

Supplementos: Figurinos coloridos.—Folha de moldes e debuchos.

Artigos: Correo da Moda.—A' sombra dos lilazes.—De relance.—Entre-actos.—Romance da moda.—A carteira do doutor.—Livros novos.—Mil e uma receitas.—Correspondencia da moda.—Expediente.—Passatempo.

Cada n.º da *Moda Illustrada*, consta de 12 paginas, 8 das guaes completamente cheias de gravuras, de uma folha de moldes e de um figurino colorido. Além d'isso dá minuciosas descrições de todos os figurinos, sendo portanto muito superior aos jornaes francezes.

Assigna-se na Empresa Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, 2.º andar, Lisboa.

O Constructor.—Lisboa. 2.ª serie, n.º 8. Excelente publicação mensal destinada especialmente aos conductores de obras publicas e, em geral, aos constructores e industriaes.

A vida moderna.—N.º 45. 1.º anno. Folha de vulgarisação scientifica e de conhecimentos uteis. Eis o seu sumario:

Lapide Citiense, por dr. Pereira Caldas — Excavações — Apontamentos sobre a vida, origem e escola de Pedro Paulo Rubens e seus quadros — Bibliographia — Chronica — Chronica dos theatros, por C.

Jornal de Horticultura Pratica. —Volume xn. Outubro-1881. Numero 10.

Chronica Quinzenal

Desfilam pelas ruas e travessas, n'uma grande precipitação atrapalhada, galegos sordidos conduzindo moveis em largas padiolas seguras por cordas—carros, transportando mobílias e roupas, n'uma grande confusão medonha, de coisas que se agglomeram e se confundem, damnificando-se. E' a procissão annual, o prestito confuso e irregular da enorme confraria dos infelizes, que por circumstancias de força maior mudam de padroeiro, esperando sempre encontrar a protecção que os anteriores cruelmente lhe recusaram, n'uma inexorabilidade impiedosa de agiotas repellentes, que tudo querem para si.

E' triste esse cortejo de camas e peniqueiras, bahus e roupas brancas; fica toda uma rua a saber que o inquilino da casa tal, possui um sofá esburacado, uma cama sem ornatos de phantasia, um guarda-vestidos sem espelho, uma mobília reles, de madeira usada, muito maltractada do caruncho, sem verniz, baça. E estabelece-se immediatamente uma murmuração attenta, de velhas de soalheiro, baseada na mobília e na roupa branca do novo inquilino, — um pelintra que não tem um trastinho de que possa dizer-se — Ora benza-te Deus!

Ha, por outro lado, um cortejo diferente, mais alegre e pittoresco, de mobílias boas e espectaculosas, de brasileiros ricos, empregados de gradação, *cocottes* bem patrocinadas, com clientellas generosas, que esviam estupidamente as suas bolsas recheadas, por uma caricia banal, interesseira. A murmuração estabelece-se tambem, mas afinando por um outro tom.—Não admira que o brasileiro — diz-se — tenha trastes tão aceiados; elle lá sabe como ganhou tanto dinheiro; as

fortunas arranjam-se sempre, quando ha velhacaria e finura, e elle era um trastalhão de marca...

— Olha a Julia, hein, como está bem tratada... Ora, não lhe custa a ganhar..., pudera! Tem bons fraguezes, brasileiros sensuaes, podres de ricos, e depois é muito afortunada, bonita, os homens engraçam com ella... E' boa rapariga...

— Que por semelhante preço não queria isso — pretextava do lado uma megera sordida, na immundicie d'uns farrapos a tresandarem a peixe deteriorado.

— E olha, o Mello, aquelle empregado do Banco, como se trata, hein?... Eu não sei onde vai buscar para tanto luxo; nada, alli ha coisa, jogo, ... coisas, ... coisas... elle é boa figura, elegantesinho, é... e d'ahi... E sorrisos brejeiros envenenavam a conversa...

E eis o que se ouve n'estas occasiões de muda, como se diz na phraseologia caseira.

E depois soffrem-se ainda as teimosias dos galegos, uns bandidos, que tudo confundem e atrapalham, para fazerem ainda mais tres mulas, a que se comprometteram, a que deram a sua palavra... de cidadãos de Tuy!

E' um horror esta comedia da burguezia que annualmente se representa. Que os senhorios sejam mais benevolentes, mais humanos, é o que se pretendia para socego da nossa pessoa e dos nossos moveis e tranquillidade do nosso espirito e da nossa roupa branca!

— Ventila-se, nas altas esferas da politica de campanario, um caso gravissimo de desconsiderações antecipadamente preparadas, para provocar conflictos curiosos, discussões variadas, interessantes, muito matizadas de citações do codigo, e adubadas de velhas portarias insidiosas. E' o caso uma nova questão d'*Hyssope*, que Antonio Diniz caricaturaria severamente, se existisse, é claro!

O caso estupendo logrou alvoroçar os espiritos, agitar conversas, dividir opiniões, pôr, enfim, uma nota de comedia n'este plebeismo de vida burguesa que por ali se vae arrastando, monotonamente, como um padre-nosso em bocca de velha beata.

Pinta-se o caso assim:

Nas exequias da Lapa, annualmente celebradas em suffragio da alma do monarcha cuja estatua de bronze se arrisca aos ardores do sol e ás fustigadellas da chuva, em plena praça de D. Pedro, as autoridades civis e militares recebem um convite especial para assistir áquella cerimonia religiosa. Pequenas embirrações politicas premeditavam, de ha muito, barulhos que dessem logar a questões, e este anno, as embirrações supraditas conseguiram vingar o seu desejo.

O presidente da junta geral do districto, zeloso da auctoridade que lhe outhorga o Codigo Administrativo, repimpou n'uma commoda cadeira de coiro, vestida de lucto, a sua magestade auctoritaria, e esperou o começo da solemnidade funebre, dormitando, a espaços, n'aquella morna temperatura do templo. Mais tarde, chegou o presidente da camara, casaca grave de actos solemnes, maneiras correctas de individualidade superior, e viu que outro sugeito occupava a cadeira que em nome da lei exigia para descanso do seu corpo e ostentação da sua personalidade. Parou attonito, olhar desconfiado, gesto sacudido, a cabeça meneando, nor labios um sorriso amarello. Olhares curiosos se fitaram, ditos se segredavam, grupos se constituíam, — para vêr no que paravam as modas.

Era preciso, porém, definir aquella situação.

— Que o Codigo era expresso...

— Que não, retorquia — uma portaria de 35,...

o coração do rei-soldado... as gloriosas tradições do berço da liberdade... a fome do cerco... a...

— Que a lei é suprema... o artigo 361 do Código... a portaria de 61... a junta occupa no districto o primeiro logar... que tivesse paciência... como particular lhe cedia a cadeira, como auctoridade não podia... a lei... etc.

Risadinhas abafadas, commentarios picantes, o canto-chão dos padres a reboar no templo, o estalar dos pavios, a orchestra a preparar-se para o *Libera-me...*, os meninos do côro a espreitarem gaiatamente...

A camara sahiu—: que vinha para o meio do povo, pugnar pelos seus fóros e isempções:—que era uma expoliação, um desacato, ... a cidade saberia o caso nefando... pouca vergonha... e tal, etc.

E o presidente da junta, na cadeira disputada, gravemente repimpado, a lembrar-se mais do Código do que da alma do imperador, e a recordar-se d'uma outra portaria, de 34, que podia chamar em seu auxilio, que servia para o caso E o presidente da camara, lá em baixo, desconsiderado, lembrou-se do *Hyssope*, quando diz:

...Em mim fitando
A carrancuda vista de tal sorte
Que mostrava insultar-me com desprezo.

E retirou-se, tenção feita de vingar-se, a coisa não podia assim ficar, um escandalo que pedia reparação, e

...Logo a conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

*Amigos, companheiros, que o destino
Fez de meu mal e bem participantes,
O caso sabereis mais execrado
Que até hoje no mundo se tem visto.*

E desfiou a historia, n'uns grandes requintes de phrase *chic*, periodos elegantes, esmaltados a capricho, com relevos de portarias e artigos do código, citações abundantes de leis, expressas e clarissimas. Sorrisos de satisfação, o auditorio risonho; vereadores contentes, applaudiam, uns bravos sonoros, de grande regosijo. Brada então o presidente—:

A raiva e o gran furor que a alma me occupam,
me tem fóra de mim: não sei que faça,
para vingar tão grande e atroz delicto.
Vós, conselho, vós, artes, vós, maneira,
(Pois a vós também chega a grande affronta)
me dae para punir este atrevido!

Applausos, —: queurgia uma reparação, o orgulho abate-se, a camara tem privilegios antigos, respeitáveis.

Um vereador pede a palavra, protesta, na indignação do seu espirito sedento de justiça.

E fica a coisa terminada, restando porém, averiguar quem era um *circumspecto monsieur* que se envergava ao pé do presidente da junta, um *monsieur* alto, delgado, bigode retorcido, cara ingenua, d'uma expressão infantil.

—Oh, Antonio Diniz, que dirias tu, se presencesas este caso heroi-comico!

—De theatros, pouco pôde a chronica dizer; lá vae o que ha.

No Principe Real verificou-se o beneficio do actor Valle, uma correctissima individualidade artistica, saudada com consciencia por o publico do Brazil e Portugal. O eminente actor, que é no seu genero, uma no-

tabilidade distinctissima, recebeu mais uma vez ainda as homenagens de consideração que são devidas ao seu brilhantissimo talento.

Valle recitou esplendidamente uma poesia comica do nosso collega e amigo Raul Didier. A poesia, que se denomina — *Um eleitor independente* — é uma fina satyra aos nossos politicos de catavento, beliscando-os de modo a causar-lhes incommodo.

Na comedia *Naufragar em terra firme*, Valle recebeu uma estrondosa ovação merecidissima.

Nos intervallos espalharam-se poesias dedicadas ao beneficiado, que se não é positivamente o *mais tristemente abandonado das bellezas ileias dos pagens da ideia media*, como alguém d'elle disse é com certeza um artista correcto e um cavalheiro distincto, a quem enviamos d'este logar a nossa felicitação.

Este estimado artista demora-se ainda entre nós, tencionando passar o inverno n'esta cidade. Estimamos.

No Principe Real reapareceu o nosso compatriota Miguel da Fonseca, um prestidigitador distincto, um artista que seria uma notabilidade... se occultasse o nome da sua terra!

O habilissimo prestimano, que ha largos annos andava por longes terras a exhibir os seus talentos, foi saudado com uma salva de palmas, e muito applaudido pelos trabalhos completos que exhibiu, e entre os quaes merecem especial menção—o charuto e a carta —as taças—e *les rubans au petit Bébé*.

Miguel da Fonseca é um artista correctissimo, com um nome feito á custa dos seus esforços e talentos.

N'este theatro ensaia-se a *Mascotte*, opera-comica afamadissima, que a empresa projecta pôr em scena com grande esplendor. A *première* será em beneficio de Gama, um artista duplamente estimado pelo seu merito e pelas suas qualidades. A *Mascotte* já foi representada em Lisboa, agradando extraordinariamente.

Manzoni, a distincta cantora a que a nossa plateia vota sincera sympathia, faz beneficio com a *Filha do tambor mór*, opereta de Lecocq.

A traducção tanto d'esta como d'aquella opereta, á feita pelo nosso collega e amigo Borges d'Avellar.

— Nas Variedades funcionará uma companhia dirigida pelo actor lisbonense Pedro Cabral. Representará comedias e peças phantasticas.

— Emilia Adelaide continua na Figueira da Foz, com a sua *troupe*. Na *Falsa Adultera*, do nosso bom amigo e collega Julio Gama, reapareceu o estimadissimo actor Julio Soller, que uma doença grave afastou por muito tempo da scena, onde occupa um logar superior.

O illustre artista recebeu uma ovação estrondosa.

— As obras do theatro Baquet acham-se quasi concluidas. Nesta casa d'espectaculos funcionará na epocha d'inverno a companhia da actriz Emilia Adelaide. Parece que o theatro abrirá com a *Princesa de Bagdad*, ultimo drama de Dumas, traducido pelo nosso collega Borges d'Avellar.

— Não ha este anno companhia lyrica, e diz-se que para o theatro de S. João se acha escripturada uma companhia hespanhola de zarzuela, com bons artistas, e formozas bailarinas.

Ai... ai...

Porto — 1881.

Firmino Pereira.